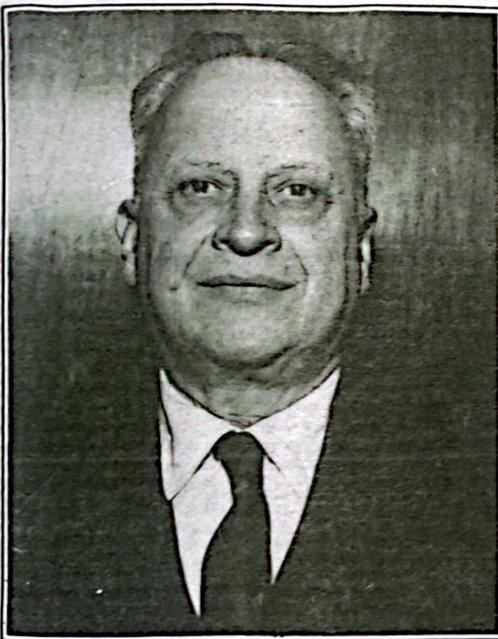


Centenário de Flamínio Fávero

Prof. Dr. Irany Novah Moraes *

1895

Flamínio Fávero era filho de Francisco Fávero e de D. Catarina Fávero. Nasceu na cidade de São Paulo, aos 26 de outubro de 1895, fez o curso primário em Indaiatuba e em Itu e, depois, o curso secundário no Colégio São Luiz, em São Paulo. O seu curso superior foi feito na Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, tendo se diplomado em 1918, na primeira turma.



1995

Aos 12 de março de 1919, foi nomeado Preparador da Cadeira de Higiene e Medicina Legal, sendo Catedrático, na ocasião, o Prof. Dr. Oscar Freire de Carvalho. Em 11 de janeiro de 1923, prestou concurso para Professor Catedrático na vaga deixada por Oscar Freire. Posteriormente, houve desdobramento da Cátedra e ele optou pela Medicina Legal. Em 1931, sob sua direção foi inaugurado o Instituto Oscar Freire onde funcionava a Cadeira de Medicina Legal, Ética Médica, Medicina Social e do Trabalho da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Em 1955, aposentou-se pela compulsória quando a Congregação da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo conferiu-lhe o título de Emérito. Casou-se com a Dra. Délia Ferraz Fávero, que foi sua colega de turma no curso médico.

O professor universitário no decorrer de sua vida de magistério passa por três fases. Na primeira, ele ensina o que estuda e estuda tanto que, após alguns anos, torna-se exímio conhecedor da matéria e, então, atinge a segunda fase, quando ensina o que sabe. O tempo passa, ele consolida seus conhecimentos, aumenta sua autocritica, adquire maturidade e chega a sua plenitude. Entra na terceira fase e ensina o que interessa. Flamínio Fávero chegou precocemente à terceira fase. Foi catedrático antes dos trinta anos de idade. Excelente didata, suas aulas, além de muito profundas, eram também agradabilíssimas. Lembro-me de alguns de meus colegas de turma, pouco assíduos, que, entretanto, não deixavam de assistir às aulas do prof. Flamínio, tal era a atração que exercia. A produção científica de Flamínio Fávero foi grande. Publicou inúmeros trabalhos no campo da Medicina Legal, da Deontologia Médica e especialmente na Infortunística. Além das pesquisas, publicou muitos artigos de divulgação e vários livros didáticos. É clássico seu tratado de Medicina Legal em três volumes.

Organizou serviços como o Instituto Oscar Freire, participou da instalação do Conselho Estadual de Educação de São Paulo e da

criação do Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo, do qual foi seu primeiro Presidente, quando assinou a Carteira profissional - CRM nº 214 (foto).

Flamínio Fávero foi um virtuoso da retórica, dominava de maneira plena a palavra, era um orador nato. O dom que possuía da oratória dava-lhe a possibilidade de envolver sua mensagem com roupagem encantadora.

A seqüência lógica, o entrelaçamento das idéias, a progressão crescente de seu pensamento, as ilustrações, com fatos ocorridos ou com pequenas histórias, davam sabor especial a seus ensinamentos e colorido rico a seu raciocínio. Acredito que para completar a clareza que lhe era peculiar no falar, e também no escrever, estava a precisão dos termos que empregava, em frases simples e corretamente elaboradas. As citações bíblicas e histórias de um lado, e as analogias que inferia, de outro, revelavam sua grande cultura humanística.

Lembro-me bem de que ele se preocupava em ser conciso. Fazia jocosamente uma classificação do discurso adotando duas variáveis - conteúdo e duração - com duas alternativas: bom e mau. Assim combinando os elementos dois a dois, ele tinha o discurso duplamente bom e o duplamente mau e os intermediários. Entre estes, o que fosse breve ainda ganhava daquele que, embora tivesse conteúdo, fosse longo. Não perdoava a prolixidade. Nosso homenageado era autor e ator perfeito. No discurso pensava bem e apresentava ainda melhor. Sua dicção era clara, sua prosódia harmoniosa e sua gesticulação adequada. Reunia os atributos do orador completo.

A bondade sempre foi a marca indelével de sua personalidade. Seus atos se revestiam de uma forte dose de benevolência. Essa característica era notória e chegava a tal ponto que foi incumbido de humanizar a Penitenciária do Estado. Foi Diretor daquele Presídio durante dois anos. Marcou sua passagem pela atuação ao mudar a orientação daquela Casa. Atendia os presos, conversava com eles, ouvia-os em suas pretensões e, ao despedir-se, dava-lhes a mão. Este gesto chegava a comover os mais sensíveis, que nunca haviam recebido tal tratamento. Era seu hábito, com freqüência, provar a comida que seria servida aos detentos. Melhorou a alimentação daqueles infelizes. Essa atitude abalou alguns deles que lamentavam o fato de na prisão terem tal tratamento enquanto sua família, abandonada, estava passando fome.

Flamínio Fávero pertenceu ao Conselho Penitenciário do Estado durante trinta e seis anos. Por esse motivo era freqüentemente procurado pelas mães dos reclusos pedindo clemência. Todas sempre contavam a mais pura das histórias, dizendo da bondade de seus filhos, e que tinham sido vítimas de más companhias. Ele ouvia com toda paciência e verificava o que acontecera, sempre na esperança de poder ajudar aquela mãe aflita. Terminou sua missão na Penitenciária com uma grande provação. A experiência final que ele viveu como Diretor daquele presídio foi muito pesada mas, em compensação, lhe deu a certeza de ter procedido de maneira correta.

Houve um motim. Ele foi chamado. Encontrou o prédio isolado pela força policial e faltava apenas sua ordem para a tomada de assalto. Ele opôs-se à violência, pois tinha confiança nos reclusos, mesmo enfurecidos.

Entrou no recinto da revolta enfrentando apenas com a palavra branda as armas que os amotinados portavam e brandiam. Ele arriscou sua vida. Pós à prova sua teoria. Tudo voltou à normalidade. Comprovou ter razão. Foi um gesto de muita coragem.

Uma retrospectiva do pensamento de Flamínio Fávero mostra que ele tratava de assuntos atuais, e que seus enfoques são absolutamente corretos para o dia de hoje mesmo, considerando todas as transformações sociais ocorridas das últimas décadas. Para finalizar, tratarei apenas de seu ponto de vista sobre *mordomia, abortamento e greve do médico*.

Mordomia - A estrutura administrativa do Estado previa uma casa privativa para o Diretor da Penitenciária, devidamente abastecida com gêneros alimentícios fornecidos às expensas do Governo. O elevado respeito aos cofres públicos levou Flamínio Fávero a declinar desses benefícios. Evidentemente, o termo *mordomia* que adotei não era assim entendido na época, pois a corrupção não tinha atingido os níveis de hoje. Essa atitude revela o estofo moral de Flamínio Fávero e o seu respeito às coisas públicas.

Abortamento - O termo abortamento é adotado para referir o ato, sendo, o aborto, produto da concepção. Afirmo categoricamente tratar-se de crime. Sobre o abortamento terapêutico, que a lei exclui da criminalidade, desde que seja como último recurso para evitar a morte da gestante, ele augura diminuição de sua incidência em decorrência do progresso da medicina.

Greve do Médico - Flamínio Fávero analisa o problema da greve do médico sob o ponto de vista legal e moral. Pondera que *os médicos exercem verdadeiro monopólio na sociedade, que ninguém pode pretender, sem infringir disposições da Lei Penal (exercício ilegal da medicina e curandeirismo). Assim, ninguém é capaz de substituí-los legal, moral e tecnicamente, nos cuidados que deixarem de prestar.*

Ademais sonogados os seus serviços, por vezes de urgência, a saúde e a vida dos doentes periclitam, surgindo daí o grave problema dos crimes de responsabilidade, conforme a situação dos profissionais na vigência de contratos, embora tácitos, de prestação de serviços. Não acolhe a alegação de que podem ficar médicos escalados pelos próprios grevistas para atenderem a esses casos urgentes. Será o número deles bastante para as grandes populações? E quem dirá da gravidade do mal se não os próprios médicos?

Por fim a Medicina ainda veste o seu manto sacerdotal, em que pese ao que lhe negam hoje essa qualidade. E os sacerdotes nunca podem fazer greve.

Entretanto, as reivindicações justas de uma categoria profissional tão infelicitada e explorada, como serão atendidas? Notai o problema: *devem os médicos, mas não podem fazer greve. Ou se quiserdes, mudando os termos da proposição: podem os médicos, mas não devem fazer greve. Paradoxo mais pontiagudo não seria possível.*

Flamínio Fávero tinha, em sua mesa de trabalho, uma frase que dizia: *Pronto para servir e não para ser servido.*

* Presidente da FEBRAM - Federação Brasileira de Academias de Medicina

**George
Nicholas
Papanicolaou
(1883-1962)**

O pai da moderna Citologia Esfoliativa

Prof. Carlos da Silva Lacaz
*Professor emérito da Faculdade de Medicina da
Universidade de São Paulo*

George Nicholas Papanicolaou nasceu a 13 de maio de 1883 na cidade de Kynii (Coumi), na ilha grega de Euboea (Eubeca). Seu pai era médico e prefeito de Kynii. Papanicolaou (em grego com k) estudou medicina em Atenas, diplomando-se em 1904. Retornou à sua cidade natal, onde ficou pouco tempo. Estudou Zoologia na Alemanha, em Munique. A guerra dos Balcãs (1912) trouxe-o de volta à Grécia, depois de ter estudado filosofia, em Jena e Heidelberg. Casou-se com Andronaque Mavroyini, depois conhecida por Mary Papanicolaou ou simplesmente Mrs. Pap, sua grande e soberba companheira. Resolveu o jovem George, contra a vontade paterna e

completamente desprovido de recursos, ir para Paris, trabalhando no Iate oceanográfico "Hirondelle", do príncipe de Mônaco. O emprego durou pouco tempo. Dirigiu-se, então, para Nova Iorque, vivendo com muita dificuldade, tocando violino em cafés, a esposa trabalhando em uma fábrica de boiões. Durante algum tempo foi, também, vendedor de tapetes gregos. Finalmente, após ingentes esforços conseguiu ingressar, em fins de 1913, como assistente de Patologia do "New York Hospital". Aí permaneceu cerca de 40 anos. Descobriu, nos resíduos de nosso organismo, células de eliminação, com as quais plasmou o cosmos da Citologia Esfoliativa.

Tornou-se professor da Universidade de Cornell e seu laboratório, no Hospital de Nova Iorque, transformou-se em um dos mais famosos centros mundiais para o estudo da citologia esfoliativa. Escreveu centenas de trabalhos, destacando-se seu maravilhoso "Atlas of Exfoliative Cytology", com a colaboração do miniaturista japonês Hosina Nimajiana.

Estava de partida para Miami, onde iria dirigir o Instituto de Citologia Esfoliativa que hoje ostenta seu nome, quando a morte o surpreendeu a 12 de fevereiro de 1962. Foi Papanicolaou homem de grande visão. Seu trabalho tem permitido salvar, do câncer, milhares de vidas. O "Pap smear" é hoje realizado em todas as partes do mundo. Seu nome passou à posteridade.

● **George Nicholas Papanicolaou (1883-1962)**, médico grego, considerado, o pai da moderna citologia esfoliativa. Seu trabalho tem permitido salvar do câncer milhares de vidas.



1922!

A chegada ao Rio de Janeiro! De todos os rincões da Pátria! Do Sul, do Norte, do Nordeste, do Centro. Estudar medicina. Ser médico! A grande esperança de entrar na Faculdade! Os provincianos vão chegando, vão chegando. Muitos nem conhecem o Rio de Janeiro. Pensões na Lapa, pensões em Botafogo, no Catete, em todo o Rio vão se instalando. O paulista que nunca viu o mar, se encanta com o "saldo elemento", como diria Pedro Pinto. Não acredita no que vê! Se deslumbra, vai à praia do Flamengo e, ficando os cotovelos na amurada da praia, olha o horizonte, o mar a se perder de vista, e não contém a exclamação: "Eta, marzão besta!"

Os vestibulares já terminaram. Mães pagando promessas, namoradas pagando promessas, a gente pagando promessas. 1º de abril de 1922! Vencida a grande batalha! As portas da Faculdade estão abertas! Sou acadêmico de Medicina! O Rio de Janeiro está conquistado! E as praias se enchem de estudantes, pois o calor ainda é muito intenso. E lá se vai o grupo unido e coeso. Flamengo, Urca, Santa Luzia, Copacabana e as cariocas sendo requestadas. E passam aos bandos, com seu donaire, sua graça, despertando curiosidade geral! Praia repleta. "Olha a boa!", ouve-se a voz tonitroante. Era a onda, que vinha se quebrar na praia, arrastando os banhistas menos avisados. Espalhada por todos os cantos da cidade, a estudantada só temia uma coisa: o *trote*, que era infalível - calouros sofrendo, calouros fugindo! Temos novos, sapatos de verniz, como era moda na época, era o que sobrava para a comissão do *trote*. - Calouro é burro! Paga pra ser burro e paga pra não ser burro! O *trote* consistia em fazer os calouros recitarem uma poesia. Quem recitasse, ficava com o apelido da poesia recitada. Assim o soneto Bisturi, de Fontoura Xavier, deu apelido ao estudante que o recitou. Outro, recebeu o apelido de Lágrima, pela poesia do mesmo nome, de Guerra Junqueiro.

Da praia Vermelha ao Largo do Machado, grandes perturbações de trânsito. " Raios os partam est's estudant's!". É o 47 - um inspetor da Light, encarregado de orientar o trânsito. Ele entra em ação. - "Tudo em paz! Estudante não paga!" A diplomacia do 47, o homem mais famoso da cidade. Se fosse político, estaria eleito.

1º ano - entusiasmo dos primeiros dias! Física médica. O professor Sattamini, Antonio Sattamini de Oliveira, pontifica: - "Amanhã os Srs. vão ser médicos. A cada passo, a cada momento na clínica, os Srs. verificarão que o termômetro é o companheiro inseparável do médico!"

- "Ai, Tereza!" - "Meus colegas!" - Fala Romão!" - eram as exclamações de um colega criticando Romão, que gostava muito de falar, mas não sabia como terminar os discursos.

Química médica - Prof. Tiburcio Valeriano Pecegueiro do Amaral. Diziam os fofoqueiros da turma que, numa polêmica com o professor Pedro Pinto, este desistira da discussão, dizendo ao Prof. Pecegueiro: - "Não mais discuto com o Sr. O Sr. não sabe escrever seu nome, Pecegueiro é com dois S e o Sr. escreve com C. Si non è vero..."

2º ano - Temos Embriologia com o professor Emani Carlos da Silva Pinto e Histologia com o professor Dias de Barros. Ótimos professores, ambos. Temos ainda Anatomia Descritiva com o professor Luiz Antonio da Silva Santos. Era já de idade e tinha o apelido - Lulu, mas não gostava de ser chamado assim. Diziam que ficava uma fera e saía até palavrão

MEU

quando um ou outro estudante o chamava pelo apelido. Na sua cadeira havia um truque, inventado pelos estudantes - o truque do "pequeno palmar". O pequeno palmar é um músculo muito pequeno, que às vezes falta. Como o professor gostava muito de anatomia, estudante dissecava o pequeno palmar com muita habilidade e depois gritava para o professor. - "Professor! Uma anomalia! Falta o pequeno palmar!" O professor conferia e depois de certificar-se de que não havia pequeno palmar, dava ao aluno grau 10 - o golpe, ou truque do "pequeno palmar" surtira efeito. O professor Santos era tão vidrado em anatomia que nas paredes do Instituto Anatômico lia-se

**O Doutor da Silva Santos,
Professor de Anatomia,
Não faz uma dissecação
Sem achar anomalia.**

3º ano - Ainda tínhamos cadeira de Fisiologia, cujo catedrático era o Prof. Oscar Frederico de Souza. Orador excelente, era um meio dramático nas aulas. "Quando estive na Europa, não pude deixar de visitar o grande fisiologista italiano Luciani, para lhe dizer: 'La storia del cervello è tutta rifatta per lei'. O grande mestre respondeu: - 'Bisognava che venisse una voce dell' America per riconoscer il nostro lavoro'."

- "Ai, Tereza!" - "Fala, Romão!"
Exame de Microbiologia. Professor Bruno Álvares da Silva Lobo. - "Moço, o que é meningococo?" E o moço, que passara o ano inteiro na farrá: - "Meningococo é um bacilo que se prende às meninges pelos seus pseudópodos". - "Moço, pensou bem na neuria que falou?" - "Não, não pensei".
"Então tem três meses para pensar".

4º ano - Diziam que Anatomia era uma cadeira pesada do curso, que o professor era muito severo e reprovava muito. Era o corrente que dificilmente se obtinha aprovação. Tudo converso! O professor era um "gentleman". Muito educado. Era sério e estava sempre sorrindo. Alguns estudantes pediam transferência para outras escolas para fugir da Anatomia Patológica do Professor Raul Leitão da Cunha. Tinha um palavreado precioso e chamava os estudantes na segunda pessoa do plural. Frase do Prof. Leitão da Cunha: "Erra e errará sempre todo aquele que macroscopicamente diagnosticar quiser". Tolerava o erro diagnóstico em Anatomia Patológica, mas não tolerava o erro diagnóstico do órgão que devia vir sabido de Histologia. Éramos obrigados a colorir lâminas. Lembro-me de um gaiato que, ao fazer a lâmina confundiu-se e apareceu um microscópio uma lâmina completamente esverdeada na qual não se podia distinguir nada. O Professor: "Que vedes?" E o aluno: "Vejo uma ameixa num porre de clorofila". Diante de tamanha asneira ou gaiaticidade, Professor ficou impassível, britanicamente não mostrando nem um ar de riso. Em 1922 houve o concurso de Anatomia com a apresentação do Professor Silva Santos. Havia dois candidatos: o Professor Fróes da Fonseca e o Professor Alfredo Monteiro. Parecia que havia interesse em proteger o Prof. Monteiro porque o Prof. Fonseca já era catedrático

CURSO DE MEDICINA

(Reminiscências)

Carlos Gonçalves Machado¹

co na Bahia. Uma simples transferência resolveria o caso, mas a Faculdade abriu o concurso e o Professor Fróes se inscreveu. Os estudantes tomaram o partido deste último e provocaram uma certa turbulência por ocasião da prova oral. O diretor da Faculdade, Professor Juvenil da Rocha Vaz, mandou tirar as cadeiras e a estudantada sentou no chão. Dizem que houve vaias e ovação (com ovo mesmo) e um ovo foi atirado no rosto do Professor Leitão da Cunha, que fazia parte da Banca. Ele teria dito: "Quem foi o energúmeno de origem duvidosa que me albuminou o rosto?" Cortesia com cortesia se paga. Os estudantes também tomaram partido contra Rocha Vaz, que acumulou várias Diretorias. Era catedrático, diretor de Faculdade e membro do Conselho Universitário. Sucedeu a Aloisio de Castro na Diretoria da Faculdade. A placidez e a diplomacia deste contrastavam com a dureza de um Rocha Vaz.

Lembro-me de um fato que me parece interessante relatar: havia um aluno repetente, que se apresentou no Exame de Anatomia Patológica. E o professor: "O Sr. sabe que o sufixo ite significa inflamação. Assim, p. ex., brônquio + ite = bronquite, miocárdio + ite = miocardite, nervo + ite = nevrite. Entendeu bem?" E o aluno, baixando a cabeça, demonstra haver entendido. O Professor: "Então, como se chama a inflamação do rim?" O aluno, rápido: "Rinite". Estudante aplicado.

Aqui temos a referência ao nosso colega, o temperamental Bisturi, que dizia: "Eu sofro concorrência vital desde a vida intra-uterina". Era gêmeo de seu irmão.

Ainda no 4º ano. Exame de Patologia Geral. Professor Pinheiro Guimarães. Não reprovava ninguém, mas tinha o hábito de humilhar o estudante. "O Sr. é do segundo time" (acho que gostava de futebol e transformava tudo em futebol). "O Sr. é reserva do segundo time. O Sr. não vai dar nada em Medicina". Dizem que certa vez recebeu resposta malcriada de um estudante paulista. "Professor, se eu não der nada em medicina, venho ser professor de Patologia Geral na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro".

Farmacologia. Professor Pedro Augusto Pinto. "Quando passo diante do Professor Miguel Couto, minha alma se ajoelha", teria dito o Professor. Experiência perfeita: "Como os Srs. sabem, a estricnina é um veneno paralisante. Vamos injetá-la na dosagem adequada, de acordo com o peso neste cachorrinho que os Srs. estão vendo vivo e esperto". O assistente injeta e cinco minutos depois o cãozinho resolve se assentar. E o Professor explícito: "Começa a paralisia pelo trem posterior". E todo o mundo contemplando a paralisia do trem posterior. Alguns minutos depois, o cão se levanta lépido e fagueiro e não toma conhecimento nem da injeção nem da paralisia e se foi embora com todos os trens. Nenhum comentário. A turma ri pra dentro.

Prova escrita de Farmacologia. O Professor Pedro Pinto fazia a chamada e disse: "Jader Albergaria". E o aluno: "Professor, Albergaria". E o Professor, seguro: "Como dizes Albergaria". Assunto encerrado.

5º ano - Anatomia Topográfica. Operações e aparelhos. Professor João Benjamim Ferreira Baptista. Grande cirurgião. Terapêutica Clínica. Professor Agenor Guima-

rães Porto. Ética impecável. Manda a turma escolher o assunto e ela escolhe *Dissemias e paremias*, e ele dá magnífica aula sobre alterações do sangue e seu tratamento.

Lembro-me ainda que em 1925 ocorreu uma greve de estudantes, a maior ao que me parece, de que se tem notícia no Brasil. Foi provocada pela prisão do Professor Bruno Lobo, efetuada pelo governo federal. Tudo causado pela reforma do ensino. Cheguei a ver cavalaria no Instituto Anatômico. Como sempre, os estudantes perderam a parada, submetendo-se às normas previstas na referida reforma.

6º ano - No Ambulatório de Clínica Médica, aquela pobre mulher condenada à morte, com sua sorte selada pela devastação em seu organismo, cujo diagnóstico não oferece dúvidas: um câncer. E o Professor: "Não é nada, minha filha. Uma pequena inflamação que logo vai ceder". A divina e piedosa mentira. "Se a Medicina não está toda na bondade, menos vale separada dela", foram as palavras de Miguel Couto.

Anfiteatro cheio, repleto. Todo o mundo queria assistir a uma aula de Miguel Couto. Entra o professor. Simples, mas carismático. Na mesa, um paciente para ser examinado. Preto. O Professor ausculta, chama alguns alunos para auscultá-lo. Entre eles, um preto. Na sua vez, o Professor insiste que ele ausculte, e o aluno nada ouve. No fim, não conseguindo ouvir nada, diz-lhe o paciente: "Não adianta ouvir mais, 'nóis' não dá pra isso".

Meu exame de Clínica Médica. Professor Oswaldo de Oliveira. Caiu-me um doente de 88 anos e eu lasquei o prognóstico: "Se não bastassem os 88 anos que já viveu poderá levar uma vida melhor se seguir alimentação frugal e controlada. No aparelho circulatório encontrei abafamento de bulhas e clangor no foco aórtico". E o Professor: "O Sr. diz abafamento e clangor. Não haverá contradição?" E eu respondi: "Não, Professor. Os dois achados podem ser simultâneos. Abafamento se refere à intensidade do som e clangor é uma modificação do timbre". Não sei se gostou, mas tirei plenamente.

Agora voltemos ao nosso colega Bisturi, que logo após a formatura arranhou emprego como médico de bordo nos navios da Companhia Costeira, a qual fazia navegação nas costas do Brasil pelos navios ITA. Navegação de cabotagem de Belém do Pará até Porto Alegre. Encontrando um colega, este lhe perguntou: "Como vai, Bisturi? E a sua vida no navio? Como é a sua Medicina?" E ele responde: "Tudo muito simpes. Se tem dor de cabeça, dou aspirina. Se tem dor de barriga, dou Elixir Paregórico. Se o caso é mais complicado, mando chamar o enfermeiro". Altos conhecimentos médicos... A outro colega que lhe perguntara a mesma coisa, respondera: "Com o meu uniforme de médico, na proa do navio, domino o mundo..." Crise de paranóia característica... Si non è vero...

Na enfermaria de Clínica Médica, o paciente ainda moço, aborrecido por ter a todo momento um acadêmico a examiná-lo, um dia desabafou: "Não precisa examinar". E deu o diagnóstico: "Esplenomegalia e Síndrome de Korsakov".

No ano de 1926, tivemos no Brasil a visita do célebre escritor Marinetti - Filippo

Tomaso Marinetti, que fez duas conferências no Teatro Lírico do Rio de Janeiro, hoje desaparecido. Os estudantes estavam em grande alvoroço porque constava que Marinetti era simpatizante do fascismo e teria vindo ao Brasil fazer propaganda desse regime. Marinetti, nascido em Alexandria, de uma rica família italiana, morava na Itália e era considerado italiano. A estudantada lotou o Teatro Lírico e ia para a vontade o escritor. Para ridicularizá-lo, cantavam o fox-trote *Titina*, muito conhecido na época.

*Maria, Maria
Maria, Marinetti
Teu pai usa navalha
Tua mãe usa gilette*

*Maria, Maria.
Maria, Marinetti
Teu pai é feijoadado
Tua mãe é omelete.*

E com a música do Ai, Marinetti

*Ai, Philomena
Se eu fosse como tu
Faria a conferência
Completamente nu*

Não me lembro bem se na primeira ou na segunda conferência, surgiu na plateia uma cena de pugilato. Marinetti parou de falar, cruzou os braços e ficou perto de vinte minutos nessa posição, esperando que na plateia tudo serenasse. Depois continuou a falar. Em São Paulo, para onde foi em seguida, soube que foi impedido, tal foi a manifestação dos estudantes.

Terminado o curso todos se espalham - Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo, Minas Gerais - e lá se vão os Doutores, que recebem então um conselho de amigo:

*Cemitérios, empresas funerárias
Hospitais vão fechar-se dentro em breve
Quando o Albino mostrar como se deve
Curar o enfermo de maneiras várias*

*Nessas épocas então extraordinárias
A palavra cadáver proscreeve
Só devendo existir, muito ao de leve
O "cadáver" das tumbas pecuniárias*

*Mano, recebe o meu conselho amigo,
Quando formado fores - no que digo,
Presta a tua mais lúdima atenção*

*Cura uns doentes, uns deixa morrer
Porque se não, depois podem dizer
Que não sabes honrar a profissão.*

Este soneto foi feito por um poeta mediano, João Guimarães Alves, que o dedicou a seu irmão, o qual acabara de se formar em Medicina na Bahia.

Se não quiser seguir este conselho, há ainda o que nos dá Manuel Bandeira, com o seu PNEUMOTÓRAX²:

Febre, hemoptise, dispnéa e suores noturnos

A vida inteira que podia ter sido o que não foi

Tosse... Tosse... Tosse...

Diga trinta e três

- Trinta e três... Trinta e três... Trinta e três...

- Respire.

O Sr. tem uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado,

- Então, Doutor, não é possível tentar o pneumotórax?

- Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.

As teses de Doutorado.

"Como ao iniciarmos o curso todos nos chamam de doutor, desde a dona da pensão até o vendedor de laranjas na porta da Faculdade, justifica-se assim a defesa de uma tese." Primarismo de justificativa que costou numa apresentação de tese.

No meu tempo, as teses não eram mais obrigatórias e sim facultativas. Desde o princípio do curso, não sei que forças me impulsionaram para defender uma tese. Não que eu tivesse a pretensão de ser Doutor, só achava que deveria defender uma tese em Medicina. No fim do curso, com essa idéia cristalizada estava eu perdido e não sabia como começar. Procurei então o Professor Pedro da Cunha, chefe do Serviço de Sífilis Visceral da Fundação Gaffré-Guinle, que me deu três assuntos:

1. A dor nas afecções abdominais
2. Da tensão superficial do liquor na sífilis
3. Dos sinais musculares no diagnóstico precoce da tuberculose.

Analisados por mim os três assuntos, o primeiro, por muito amplo, não me achei em condições de desenvolver; o segundo, cheguei até a comprar um estalagmômetro para verificar as alterações produzidas no liquor, mas me decidi mesmo foi pelo terceiro, com algumas modificações. Resolvi associar os sinais musculares na tuberculose pulmonar, com base nos trabalhos de Pottenger (S. Francisco, EUA), criando uma síndrome muscular no diagnóstico da tuberculose. Assim, juntei três reflexos: o viscerosensitivo - dor, o visceromotor - espasmo, e o viscerotrópico - atrofia. Associando ainda o exame bacterioscópico do escarro, a radiografia torácica e o exame clínico. Mergulhei no serviço de tuberculose da Saúde Pública dirigido por Plácido Barbosa, onde encontrei excelentes colegas, os Drs. Eugenio Coutinho, Maurício Barbalho e A. Lafayette Stoelcr. Em 6 de junho de 1928 defendi a tese, com a seguinte banca examinadora: Prof. Clementino Fraga, presidente; Profs. Joaquim Moreira da Fonseca e Irineu Malaguetta, membros. Parece que gostaram do trabalho e mereci "Distinção".

Depois voltei às minhas origens, passando a clinicar em São Paulo, onde estou até hoje, com a provecta idade de noventa e um anos, clinicando ainda, agora de maneira mais suave e agradecendo a Deus por ter me propiciado tantas alegrias nessa carreira belíssima que é a Medicina.

¹ Carlos Gonçalves Machado é médico, formado em 1927 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro - Praia Vermelha, da Universidade do Brasil. Neste artigo conta histórias, algumas engraçadas, outras pitorescas, ocorridas no seu curso médico, e deu tratos à sua memória para ser fiel os fatos que presenciou.

² BANDEIRA, Manuel Bandeira - *a vida inteira*. Rio de Janeiro: Livraria, 1986. p. 61

"OBSTRUÇÃO"

Era o começo de tudo.
E tudo estava no fim;
No fim do começo?
Ou o começo do fim?

Concluía mais um minuto,
Uma hora, um dia inteiro.
Que começava outro dia,
Para logo depois terminar?

Passava do rio, da correnteza,
A água pura para o mar,
Levando consigo toda a impureza
Que dos homens não pode levar.

O homem, a alma, buscava absterger
Imiscuir-se no cosmos, procurava.
Mas atento ao minuto que passava,
E ele sem nada fazer

Era a quimera, a utopia,
A volta da ida
E o fim da chegada
Era o começo do fim.

Era o fim que chegava
Era o começo de tudo,
Pois tudo se inicia
Em tudo que se acaba!

O dia em que você nascer, toda uma filosofia, que antes estava encarcerada num lugarzinho dentro de mim, um lugarzinho onde todos os sonhos que me despertam vão ali saciar a sede que me atormenta; nesse dia a barreira do imaginário romper-se-á e explodirá de encontro ao real.

O dia em que você nascer, uma vela permanecerá acesa na escuridão de todo um universo, um universo onde espaço e tempo se confluem e formam a razão de ser, ou seja: os limites do seu corpo...

O dia em que você nascer, a existência se alegrará de tal forma que deixará toda a tristeza para trás, e com ela toda a agonia de ser finita. E assim, como num capítulo atrás do outro, marcará sua existência no livro da vida...

O dia em que você nascer, em que você ocupar um espaço outrora vazio, um espaço onde o amor em sua constância e inconstância tomou como morada, um espaço onde uma forma preenche outra; nesse dia seu peso valerá todo o ouro que existe e algo mais...

O dia em que você nascer, em que o calor de seu corpo for sentido pela primeira vez, a pedra grande, ativa e fria se desmanchará em lágrimas e lágrimas de felicidade ou não sei o quê, provando que o grande já não é grande quando em presença do pequenino...

O dia em que você nascer, em verdade seja dito: toda uma química irá se realizar, todas as reações reversíveis ou irreversíveis formar-se-ão no semblante de quem o vê, daquele ou daquela que o envolve, seja na forma de um olhar, seja na forma de uma expressão, ou seja na expressão de tantas ou quantas formas que o envolverem...

Tudo isso no dia em que você nascer: meu pequeno filho...

Um estudante de Medicina

Vida Cultural

Irany Novah Moraes lança a 3ª edição, revisada e ampliada, da consagrada obra "Erro Médico e a Lei". Estuda a problemática do erro médico do ponto de vista científico, oferecendo subsídios para seu entendimento perante a lei.

Médicos advogados e pacientes têm nele elementos para compreensão do problema em sua essência.

A questão é posta de maneira holística em 432 páginas, 40 capítulos e 229 itens, considerando desde a transitoriedade da verdade científica, passando pela caracterização do erro, até as estratégias para profilaxia.

Irany Novah Moraes é cirurgião vascular, professor da Universidade de São Paulo e presidente da Federação Brasileira de Academias de Medicina.

Para adquirir a obra ligue (011) 607-2433.



Peças autênticas antigas estão em exposição no **Museu da Farmácia** à rua Itacolomi, 601, Higienópolis. São Alambiques de cobre a lenha, cálices lapidados, ânforas portuguesas, sarjadeiras, embalagens originais, livros etc. Horário comercial.



José Jucoviskyan lançou "Casal Grávido", resultado de quarenta anos de especialidade em ginecologia, acompanhando mulheres e orientando casais sobre pré-natal, parto, pós-parto e cuidados com o recém-nascido. A obra supre uma carência no segmento de publicações médicas sobre o assunto, enfatizando a necessidade de integração do casal durante a gestação, quer no aspecto físico, quer emocional.



A **Sociedade dos Poetas Vivos** organizou e publicou mais uma excelente coletânea de trabalhos literários. São antologias poéticas exclusivamente masculinas. Dezessete poetas foram escolhidos para ficarem reunidos num só livro. Há os líricos, os irônicos, os cáusticos, os céticos, os crédulos, todos muito criativos.



José Gonçalves Salvador, escritor primoroso, brinda-nos com "Do Amanhecer ao Pôr-do-sol", livro autobiográfico, editora Opus Liri. Parabéns.



A controvertida questão do jogo no psicodrama está bem trabalhada no livro "O Jogo no Psicodrama", organizado por **Júlia Motta**, editado pela Ágora. Coletânea de artigos de onze psicodramatistas conhecidos e bem conceituados que diferenciam o jogo da brincadeira, esclarecendo que, enquanto o jogo pressupõe um objetivo e regras, a brincadeira é desenvolvida sem compromisso com regras, tempo ou contexto. Indispensável para estudantes de psicologia e para psicodramatistas.

G.A.P.

**O dia em
que você
nascer...**